

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Direcção todos os preços das assinaturas e numeros
anuais : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, Rua
da ATALAIA, LISBOA ; e no Brasil, no sr. José da
MELLUS, 36, Rua da Quintana, Rio de Janeiro.

Prix de numero à Paris, 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 13

PARIS 5 DE JULHO DE 1890

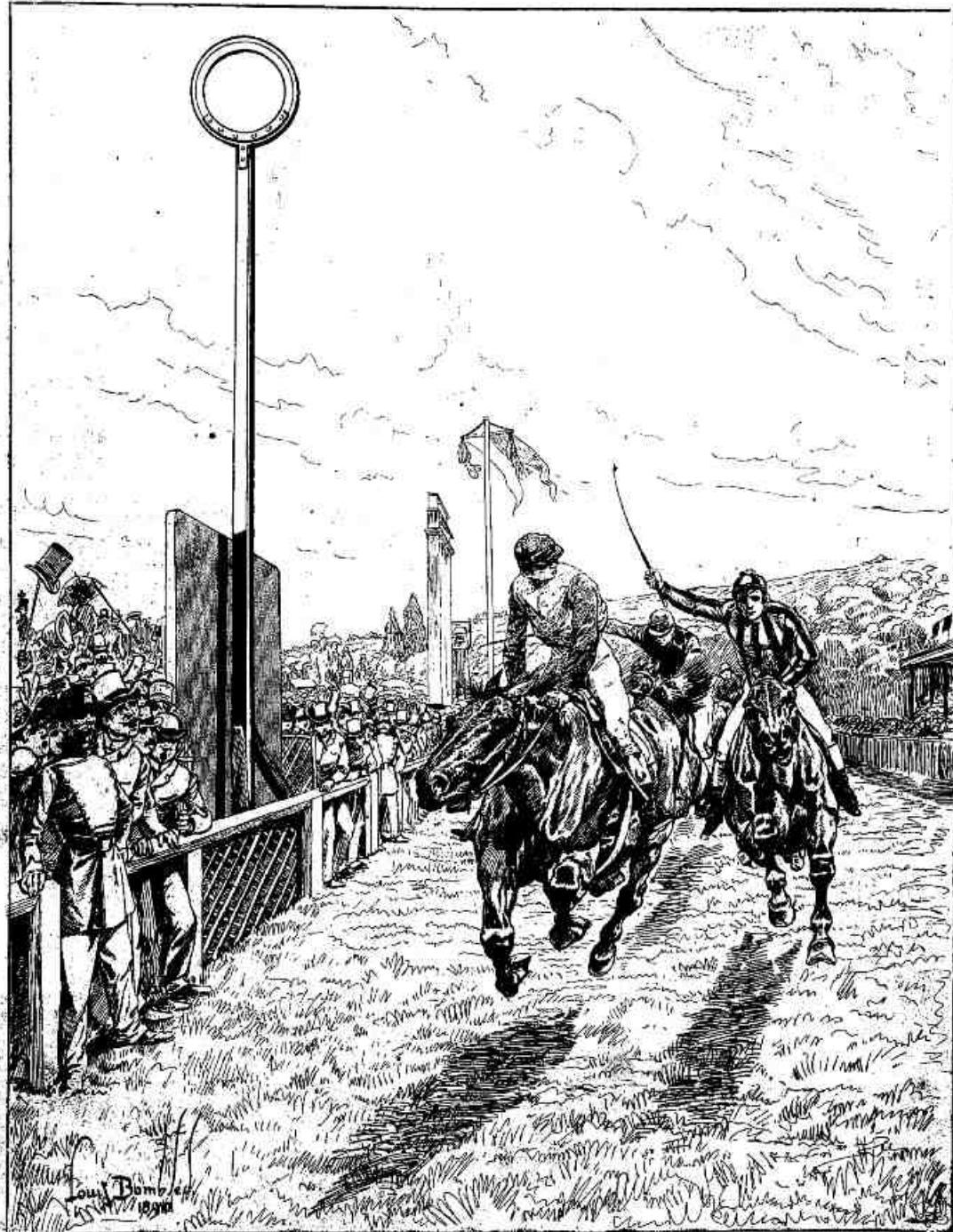
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

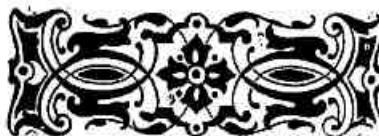
ASSIGNATURAS

ANNO.....	3.400 REIS
BIMESTRE.....	1.500 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	700 —



CORRIDAS DE CAVALLOS. — O GRAND-PRIX DE PARIS.

(Chegada de *Fitz-Raya*, pertencente ao barão de Schickler.)



CHRONICA

EDUCAÇÃO PHYSICA

QUANDO de annos a annos nos sentimos ameaçados pelo estrangeiro; quando algum conflito diplomático nos deixa ver que pode estar por um fio esta paz pôrde em que patinhamos ha meio seculo; — alguns paes da patria empeitgam-se dentro das sobrecasas, e o fura-bolos ameaçador, e a voz á Theodorico, exclamam no parlamento:

— « E' necessário que o paiz esteja preparado para fazer face a qualquer eventualidade!... »

Então, toda a camara se desfaz em apaiados! nomeiam-se comissões e mais comissões; o governo aproveita o entusiasmo para pedir mais creditos; mandam-se comissários ao estrangeiro para ver como os outros paizes se defendem; os comissários nadam vêem e nadam procuram ver, tao enredados andam com os prazeres de Paris; e depois de se terem gastado muitas dezenas de contos de reis, Portugal de novo fica á mercê de qualquer Salisburgo!...

• • •
E' já escusado pensar em quaisquer medidas governativas: na intervenção do Estado para a transformação da sociedade portuguesa.

Entre nós os governos estão condenados a não fazer nada, ou porque não tem ideias, ou porque os correligionários lhes não deixam uma hora livre por dia, para os governos se ocuparem dos interesses da patria.

Só devemos recorrer á iniciativa particular, e tratar de a animar e de a desenvolver por todos os modos.

Olhem para o que se está hoje passando na nossa política. Em seguida ao *ultimatum*, é chamado para os conselhos da coroa um novo ministerio — ministerio que tinha por missão resolver certas questões internas e a questão do conflito anglo-português.

O conflito anglo-português foi resolvido como todos nós sabemos. A Inglaterra não nos deu satisfação nem compensação de especie alguma, em quanto que dava de mão beijada á Alemanha, não só uma das mais ricas regiões da África equatorial, mas também a ilha de Heligoland, que é um dos primeiros pontos estratégicos do mar do Norte.

Quanto ás questões internas, é também o que nós sabemos. Augmento d'impostos, sem ser acompanhado d'um único projecto de diminuição de despesas — porque só Deus sabe quantas despesas inuteis, quantas verbas irrisórias, possue o nosso orçamento —; augmento de despesas de guerra; augmento de despesas coloniais; e a criação d'um novo ministerio d'instrução publica e bellas artes, cujo titular ainda não apresentou a sombra d'uma reforma.

• • •
Se a reforma aparecer, já de ante-mão se pode calcular o que seja...

O novo ministro da instrução publica é um filho da Universidade de Coimbra — o *bacharel* triunfante, chegando a deputado e a ministro em menos de seis annos, graças aos artifícios de rhetorica e de palavrão, de que Coimbra tem a especialidade.

De modo que ainda teremos por largos annos a pesar sobre o nosso ensino, o espírito retrogrado da Universidade, com toda a sua avarilada philosophia e todo o seu latíniorio de sachristâo.

E nem um passo se ha de dar para a reforma da instrução em Portugal, porque, ou o ministro não ha de querer faltar ao respeito á Universidade que o fez, ou o conselho superior de instrução publica lh' o não ha de permitir.

• • •
E comodo, uma das inovações mais urgentes e que ultimamente foi introduzida no ensino francês — é sem contestação a organização da educação physica, ocupando nas escolas, lycées e universidades, uma parte tão importante como a educação intellectual.

Mas para que esta inovação se faça — inovação que tem calorosos adeptos como, por exemplo, o ilustrado presidente da camara municipal do Porto — o essencial é não pensar na intervenção do Estado, por muitas razões, das quais as principais são as seguintes:

- Todo quanto o Estado faz é mal feito.
- Todo quanto o Estado faz é caríssimo.
- E o Estado está pobre.

Tratemos pois de apelar para a iniciativa particular, e principalmente para a iniciativa municipal.

• • •
Nós precisamos desenvolver em Portugal o gosto pelas armas e por outros exercícios physicos, como a gymnastica, a equitação, as corridas a pé, a natação, os remos, etc.

Algumas sociedades se tem formado n'este sentido, como as sociedades navaes, de esgrima, de gymnastica, de tiro, etc. Mas todas vivem isoladamente, algumas uma vida mediocre, e sem saberem como progredir e como desenvolver-se.

Se realmente nós queremos educar a nossa mocidade para o que der e vier, preparando-a para a luta, acostumando-a a encarar a guerra como o phantasma mais insignificante d'este mundo de luta constante em que vivemos — precisamos propagar e desenvolver a educação physica.

Todos quantos frequentaram os lycées sabem o que por lá se faz nas horas de intervalo de cada aula. O lycée de Lisboa pode servir d'exemplo, porque ainda é hoje o que era há quinze annos, quando eu o frequentei.

D'uma para outra aula havia muita vezes intervallo d'uma hora. Como no lycée não houvesse uma sala d'estudo conveniente, nem uma sala de leitura, nem uma biblioteca, passava-se o tempo pelas tabacarias da vizinhança, ás vezes ia-se ás ruas das Pretas beber licores e aguardente e comer *iscas*, ou então ia-se namorar para o Passeio publico, n'esse tempo ainda com grades.

Ora imaginem que na cerca do lycée havia uma instalação para exercícios gymnásticos, uma carreira de tiro e uma sala de esgrima, como ha em tantos estabelecimentos de instrução no estrangeiro. Parece-me que a minha geração, esta geração de 30 annos a que pertendo, teria outros músculos; outra energia, outro carácter; e não teria o estomago arruinado pelas *iscas* da taverna de gallegos, e pelos espinhos de licor e aguardente do armazém de distillação da rua das Pretas!

• • •
Não pensemos no Estado para a introdução e propagação da educação physica em Portugal.

O Estado, que tem de dar ouvir os a todos os conselhos superiores e de consultar todas as estocas competentes de cada vez que queira inovar, não é a força que nos convém para semelhante reforma.

Só devemos pensar na iniciativa particular, e principalmente na iniciativa municipal.

Que cada chefe de familia, se quer ter solidos e energicos descendentes, faça o sacrifício pecuniário de mandar seus filhos para as salas d'esgrima, para as curreiras de tiro e para as associações navaes.

E que os municipios, não só os das grandes cidades, mas os das vilas, tratem de organizar concursos, estabelecendo premios para os jogos e exercícios mais adequados a cada região.

Assim, por exemplo, o município d'uma cidade como Lírio o J.: ha em permanencia um corpo do exercito, pode, com o auxilio dos oficiais, organizar um grande concurso de tiro, a que concorrem todos os atiradores do distrito. O dia do concurso pode ser combinado de maneira que seja na véspera ou no dia imediato ao d'uma festa religiosa da terra, a mais importante do anno. E assim, para compensar o sacrificio pecuniário dos premios, a cidade virão foras os de todos os pontos, o que sera de grande proveito para o commercio.

Um municipio, como o de Alcobaça pode organizar grandes regatas na bahia de São Martinho do Porto, escolhendo para essa festa a semana que segue ás festas da Senhora da Nazare, e trahindo a São Martinho todos os banhistas das Caldas e da Praia.

Assim animados e comprehendidos os exercícios ao ar livre, nos quais tomarão parte os estudantes de cada distrito, em menos de cinco annos teremos introduzida em Portugal a educação physica, e teremos rapazes que servirão para mais alguma causa do que namorar na Avenida, perder os patrimónios nas casas de jogo do Arco Bandeira, e dizer banalidades de todo o calibre nas sessões de São Bento.

Mas pelo amor de Deus, não esperem nada da iniciativa do Estado. « Qualquer iniciativa gasta um governo! » — disse ainda há pouco em pleno parlamento o sr. Serpa Pimentel. Ora como o governo se quer conservar no poder — o governo nada fará pela educação da mocidade portuguesa...

MARIANO PINA.

ANTHROLOGIA

*Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra do seu doce pensamento,
Tais queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar d'alma sahido;*

*A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sou menos ouvido.*

*O' bella Nympha, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto m'encareces?
Porque queres que sempre me querelle?*

*Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co' mal cresce a causa delle.*

CAMÕES.



O POEMA DO AMOR

Oh! quem me ali dissera
Que de amor tam profundo
O fin pudesse ver eu algum horro?
Gaudê.

I

Eu nunca tijha amado por tal forma;
Nunca sentira o amor enschreido,
Que as almas vence e os corações transforma.

Tinha vivido num porpetuo olvido,
Tinha atraido aos ventos o presente,
E do futuro, antes de crer, desrido.

Ha muito já chorara e longamente
As sanctas illusões do meu passado,
As chimeras do espirito doente.

Eu julgava-me forte e preparado
Para lutar com toda a desventura,
Para ferir batalhas com meu fado.

Tinha uma formidavel armadura
Feita de força e feita de experiençia,
Que me forjara o horror da sorte dura.

Todos os feros golpes da existencia
No pavez da vontade os aparava,
E era indomavel minha resistencia!

Nunca a minha alma fôra um dia escrava;
Nunca o meu coração fôra sujeito;
Sô o que devia ser amado — amava.

No recondito fundo do meu peito
Abrigava uma dor intensa e rude,
Que ha muito o tinha invulneravel feito.

Se o sofrimento pôde ser virtude,
Eu era virtuoso, pois sofria
Todo o pezar que a cõr so gesto mude.

E a minha dor já quasi era alegria!
Pois de tal sorte a estava alimentando
Que unicamente d'essa dor vivia!

Quer estivesse rindo, quer chorando,
Sempre ella vinha da alma ao pensamento,
Todos os meus sentidos dominando!

II

E esphacelou-se tudo n'um momento!
Vi com pasmo ruir, uma por uma,
As causas da alegria e do tormento!

Nada que o nosso espirito presuma:
Ser de intiera firmeza e segurança,
Nada tem segurança e é firme em summa.

Pezar da minha lucida esquivança,
Em dia escuro tu me appareces,
E nova luz raiou-me de esperança!

Incomparavel magoa que me dêste!
Tu transmudaste toda a dor num riso
Com as blandicias ternas que tiveste!

Eu no passado proximo diviso
Ainda toda a luz que derranaste
Pelo meu momentunco paraíso!

O nosso céu de estrelas esmaliaste,
Cobriste o nosso thalamo de flores,
E de velludo o solo alcatifaste!

De noite vinham rúbidos Amores,
Armados com as delicadas setas,
Adornadas de plumas multífeias,

Entour as canções do amor, secretas,
Lindo os nossos corações amantes
A's estropões de incognitos poetas!

Flavim como glórias deslumbrantes
Na aurora em fogo do fatal desejo,
E apoteoses d'almas, fulgurantes!

E afastando p'ra longe todo o pejo,
Os nossos labios trémulos cantavam
Os duetos da ópera do beijo!

Que loucura de amor! Como ficavam
Nossos braços um do outro á espura,
Nos momentos em que não se abraçavam!

Que loucura de amor! Fulva chimera
Nos mergulhava em sonhos e alma anciosa,
Deixando-a como, em plena Primavera,

Deixa o frescor da noite a fresca rosa:
Tanto de orvalho em perolas ungida,
Que parece nas pétalas chorosa.

Dando amor por amor, vida por vida,
Beijo por beijo, abraço por abraço,
Nossa existencia estava em lux fundida!

Nossas vidas, ligadas n'um só laço,
Tinham-se confundido por maneira
Que andavamos os dois n'um mesmo passo!

Tinhamos uma unica, ligeira,
Ligeira e vaga percepção do mundo
Que nos atira na paixão primeira.

Rugia em torno o pélago iracundo
Das explosões da cholera e da ira:
E da raiva e da inveja o odio profundo!

Nunca um extasi igual o mundo vira,
Semelhante paixão não vira nunca,
Nunca ninguem um tal amor sentira!

E' como o rijo vento arvores trunca,
Tentou truncar as flores d'esse affecção,
Cravando-nos no peito a gerra adunca!

Não pôde ter o gosto seu directo:
Baboujou-nos, — lavamo-nos da baba,
Foi o nosso triunfo então completo.

III

E tudo desabou, como desaba
Para o tumulo a vida transitoria!
Quanto mais forte o amor, mais presto acaba

Ha de ser esta sempre a eterna historia:
Sol explosindo em rapido caminho,
Deixando apenas trevas na memoria!

Ave de amor! abandonaste o ninho!...
Eu, que te vi o coração de perto,
Julguei-o todo plumas, todo armínio;

Vejo-o o longe melhor: — todo coberto
De bolor, a tombar n'um fundo abysmo!...
Como é triste prever teu fado incerto!

IV

Agora, só comigo, scismo, scismo:
D'aqueles sonhos de felicidade,
D'aquele amor no horrivel cataclysmo —

Semente resta a pallida saudade!

FELIPE DE ALMEIDA.



AS NOSSAS GRAVURAS

CORRIDA DE CAVALLOS

O Grand-Prix de 1890

Um dos espectaculos parisienses que todos os annos mais curiosidade desperta em toda a Europa, e atrae as margens do Sena os felizes e os ricos *sportmen* de todos os países, é o *Grand-Prix*, a famosa corrida de cavalos que se realiza no segundo ou no terceiro domingo de junho, no hippodromo de Longchamps, e que este anno se realizou no domingo 15 de junho findo.

Todos os annos a *ILLUSTRAÇÃO* tem informado os seus leitores dos resultados d'esta festa parisiense, em que entram sempre em concurençia os cavalos dos principaes proprietários de França e da Inglaterra.

Esta lucta entre franceses e ingleses é sempre renhida, e de cada vez que um cavalo ingles ganha o *Grand-Prix* de Paris, a imprensa da Grã-Bretanha dá ao acontecimento cavalar as proporções d'uma victoria, mais gloriosa para os brios britânicos do que qualquer victoria diplomática ou militar. O ingles chega a considerar mais importante o triunpho de um cavalo no hippodromo de Longchamps, do que uma conquista dos exercitos de Sua Graciosa Majestade, no Sudão...

Nos ultimos annos os cavalos ingleses tem sido sempre vencidos em Longchamps. Ainda este anno a victoria coube a um cavalo frances, o *Fitz-Roy*, do barão Schickler.

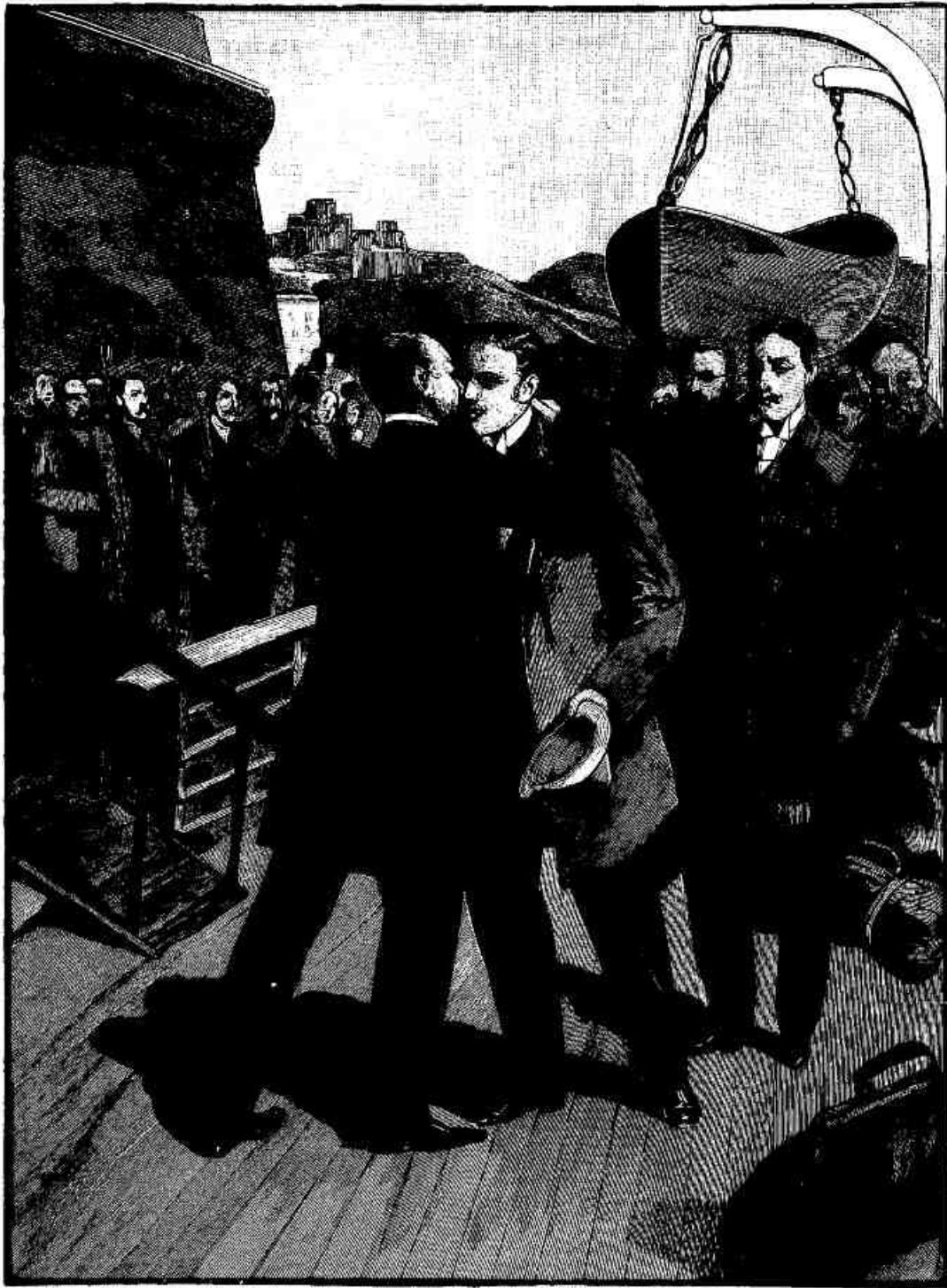
A nossa primeira pagina representa a chegada de *Fitz-Roy* no momento em que atinge a meta. Vinha seguidamente um cavalo italiano o *Fitz-Hamilton*; logo atraç o favorito ingles *Old-Fellow*; e depois um cavalo frances, o *Mirabeau*, do sr. Aumont. Este sr. Aumont ha de permitir que lhe digamos que tem pouco respeito pelos nomes da historia da França. Dar ao seu quadrupede o nome do grande tribuno da Revolução francesa; d'aquele que disse ao marquez de Draux-B ére! Vá dizer a seu amo (Luis XVI) que estamos aqui pelo vontade do povo, e que só havemos de sair pela força das bayonetas — dar a um cavalo este nome glorioso da historia do seculo XVIII, não de confessar que é levar muito longe a estima e a admiração pelos quadrupedes. Se assim continuam os donos e cavalos, quem ha de prohibir amanhã que um outro proprietário passe a chamar nos seus animais: — *Napoleão*, *Batista*, *Victor-Hugo*... Senhores proprietários. Mais um bozadinho de respeito pelos nomes historicos!

Este anno em Longchamps — muito sol; deslumbrantes *toilettes*; uma multidão consideravel que tornava impossivel a circulaçao tanto na *pelouse* como na *passegem*; uma receita que subio a 80 contos e excedeu o contos a do anno passado; entradas de apostas oficiais no *pari mutuel* de cerca de 500 contos — eis em breves linhas a physionomia d'esta extraordinaria festa, onde, como vêem, o dinheiro corre a rôdo.

Os favoritos eram o *Nord* e o *Wandora* que os *sportmen* haviam coberto de ouro. Imaginem pois a cara dos jogadores, quando *Fitz-Roy* com quo poucos conchocadores contavam, apareceu triunfador, deixando *Nord* e *Wandora* a perder de vista. E a primeira vez que o barão Schickler ganha o *Grand-Prix* de Paris, ou sejam 30 contos de reis, fôra as apostas que o proprietário tomou particularmente sobre o seu cavalo.

Dia esplendidio. A volta de Longchamps foi este anno maravilhosa; e ainda nos bailam diante dos olhos todos os aspectos encantadores d'esta volta desde Longchamps, passando pela Avenida das Acacias, Avenida do Bosque de Bolonha, e descedendo pelos Campos-Elyseos.

Espectaculo assombroso de luxo, de elegancia, de prazer e de alegria, como Paris e só Paris é capaz de oferecer ao mundo.



O CONDE DE PARIS ABRAÇANDO SEU FILHO O DUQUE D'ORLÉANS, DE VOLTA DA PRISÃO EM FRANÇA. (Douyres 6 de junho de 90.)

**S. A. O DUQUE D'ORLEANS
NA PRISÃO DE CLAIRVAUX**

Na noite de 3 de junho findo, depois de ter completado 117 dias de prisão, S. A. o duque d'Orléans, irmão da S. M. a Rainha de Portugal, foi mandado para em liberdade, por uma graça especial do Presidente da República Francesa, sr. Carnot.

Como noticiámos em tempo aos nossos leitores, — o duque d'Orléans, apenas atingiu a idade em que todo o moço francês se deve apresentar para o serviço militar obrigatório, não quis dar maior importância à lei que o exilou a elle e a seu ilustre pae do território da República; atravessou a fronteira; e veio a Paris inscrever-se na *mairie* para cumprir com o seu dever de cidadão.

O ministro do interior apenas foi prevenido do facto, mandou-o prender; e o duque de Orleans, depois de encarcerado na Conciergerie e de passar em prisão correctional, foi transferido para a penitenciária de Clairvaux onde devia fazer dois anos de prisão, por desobediência à lei do exílio.

O Presidente da República achou que cerca de quatro meses de prisão era suficiente castigo para um acto tão sympathico, posto que fosse ao mesmo tempo irreverencioso para a lei — e agraciou o condenado no dia 3 de junho.

O preso foi extraído da prisão na noite de 3 de junho, conduzido à estação do caminho de ferro onde passava às 8 horas e 40 m. o expresso para a Suíça, sendo acompanhado até Béle, onde chegou às 6 horas e 35 m. da manhã, por dois policias franceses. Ali foi-lhe dada inteira liberdade.

Da Suíça S. A. o duque d'Orléans seguiu para Bruxellas, acompanhado do seu particular amigo o duque de Luynes, que foi morar para Clairvaux durante todo o captiveiro do duque d'Orléans. Ali foi recebido pelo rei Leopoldo, no dia 4, sendo-lhe dado no palacio um almoço em sua honra.

No dia 6 partiu de Ostende para Douvres, onde seu pae o Conde de Paris o esperava no cais, acompanhado das altas notabilidades do partido monarquico francês. A nossa gravura representa o Conde de Paris, no momento em que abraça e beija seu filho. Logo atraç vê-se o duque de Luynes, o amigo inseparável do duque d'Orléans.



O DUQUE D'ORLÉANS NA ESTAÇÃO DE CLAIRVAUX NA NOITE DE 3 DE JUNHO.



O DUQUE D'ORLÉANS NO JARDIM DA PRISÃO DE CLAIRVAUX.

S. A. O DUQUE D'ORLÉANS IRMÃO DE S. M. A RAINHA DE PORTUGAL, NA PRISÃO DE CLAIRVAUX.

Mais duas gravuras representam — o duque d'Orléans na estação de Clairvaux na noite de 3 de junho, entrando para o comboyo que o leva de levar a fronteira, e despedindo-se do director da prisão; — e o duque d'Orléans no jardim da prisão de Clairvaux. Sobre a mesa vê-se o *Soleil*, o orgão do conde de Paris, do qual é director o sr. Edouard Hervé, membro da Academia Francesa. A distancia vê-se o guarda que acompanhava sempre o duque d'Orléans.

Publicamos estas gravuras, não só porque S. A. o duque d'Orléans é irmão da nossa Rainha a senhora D. Amelia e muito conhecido na corte de Portugal — mas porque o seu procedimento é digno de todos os louvores. Quem arrisca a prisão para cumprir com o seu dever — quer seja por um impulso do coração, quer seja com um fim político que considera justo e digno — é hoje em dia tão raro, que bem merece a nossa admiração e o nosso respeito.

O duque d'Orléans quis provar aos homens que luctam pela causa monarquica, pela causa da família d'Orléans, que não hesitava diante do qualque sacrifício. Qual é o político que lhe pode recusar aplausos?

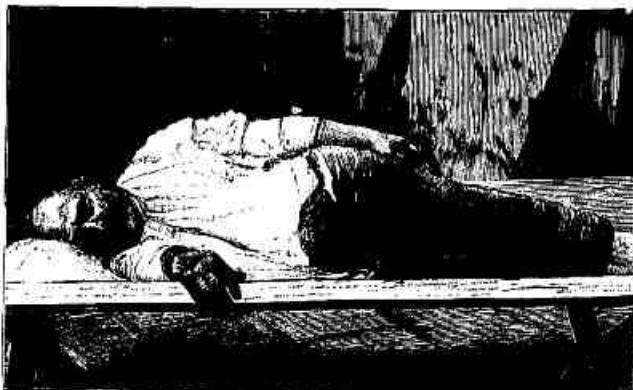
**PARIS ARTÍSTICO.
NO CAMPO DE MARTE.**

O nosso colaborador Reichan mostra-nos uma reunião das cinco horas, quando se toma chá no salão de honra da exposição de belas-arts do Campo de Marte. É uma página do mais pitoresco parisismo.

E' neste salão, que precede as salas da pintura, que se reúnem os artistas e as personalidades do mundo elegante. Principalmente aos sábados estas reuniões, presididas pela ilustre pintora e aquare-



Ultima photographia de Eyraud, tirada na Europa.



Eyraud no prisão da Havana.



Ultima photographia de Eyraud.

CRIMINOSOS CELEBRES. — EYRAUD O FAMOSO ASSASSINO DE GOUFFRE.

lista Mrs. Madeleine Lemerre, são muito concorrentes.

O nosso colaborador collocou a grande artista, de pé, apoiada à cadeira onde está sentada sua filha, que é também uma aquarellista muito distinta. Sentado, animando a conversação, vê-se o pintor Gervex. A sua esquerda está Mrs. Jeanniot, sentada. E à esquerda de Mrs. Madeleine Lemerre vê-se Jeaniot, o conhecido pintor de assuntos militares.

Éis um aspecto destas scenas tão parisienses, destas reuniões semanaes do Salão do Campo de Marte.

Entrando na sala III, está exposição do Campo de Marte deparamos com um bello quadro de Duez — *O café na terraço* — e que o nosso illustre gravador Ch. Baude nos reproduz com maestria que tanto o distingue.

Duez é um notável pintor de gênero, que os nossos leitores conhecem já, e é também um notável aquarellista.

O quadro que hoje reproduzimos é uma scena viva da vida do campo, e que parece observada, tanta é a luz e a vegetação, n'algum sítio desfício do nosso Portugal, — em Cintra, por exemplo.

Tudo respira o sossego da vilaçuita, o encontro dos campos, o descanso por alguns meses d'esta vida das cidades, febril, doentia e por vezes irritante.

CRIMINOSOS CELEBRES.
O ASSASSINO EYRAUD

Todos os jornais de Portugal e do Brasil se tem ocupado d'este famoso criminoso, que obrigou a polícia francesa a correr atrás d'ele pela França, pela Inglaterra e pelas duas Américas, e que só foi apanhado na Havana.

Eyraud, que andava em Paris sem dinheiro, aconselhou um dia a um amante que dêsses um *rendez-vous* em sua casa a um procurador Gouffre que passava por muito rico, e por ter sempre valores importantes no seu escritório. O plano era embriagar Gouffre, matá-lo, tirar-lhe as chaves, ir roubar o escritório, fazer desaparecer o cadáver, e o assassino e a amante fugirem para o estrangeiro.

Tudo se realizou. Súmamente Eyraud não encontrou o que esperava nas gavetas do procurador. Quanto ao cadáver, ele e a amante (Gabrielle Bompard) meteram-o dentro d'uma mala de viagem, e expêdirem-a para Lyon. Chegados a Lyon, alugaram um carro, meteram a mala dentro, e foram deitá-la num riacho, em Millery.

O desaparecimento de Gouffre causou em Paris a maior sensação, e só depois de mil investigações e pesquisas é que se descobriu o cadáver, e se pôde seguir as passadas dos criminosos.

Eyraud e Gabrielle já estavam na América, não se sabia onde. Mas um dia surge Gabrielle em Paris, e vêm revistar tudo à polícia, acusando Eyraud de ter praticado o crime.

Depois de muitas pesquisas, Eyraud foi preso na Havana, e metido na cadeia à disposição da polícia francesa. Na cadeia tentou suicídio, cortando as veias do braço esquerdo. A nossa gravura representa-o deitado, com o braço esquerdo todo ligado.

Também damos a ultima photographia de Eyraud

que elle tirou na Europa, e a ultima photographia de Eyraud tirada na Havana.

Estas duas physionomias do assassino são dignas de serem meditadas, mostrando como em poucos meses os remorsos, as privações, os sobresaltos, o medo de ser preso, a perspectiva da guilhotina, transformaram completamente o individuo.

É mais uma cabeça que a gai hoinha vao talvez brevemente corar, e sobre a qual hão de cair cheios de curiosidade e de interesse os medicos de Paris.

MESES ILLUSTRADOS. — JULHO

E o mez das cerejas; e foram as cerejas que inspiraram o sr. Habert Dys para mais esta pagina dos meses ilustrados, em que nosso colaborador tem dado provas d'uma phantasía esplendida, e d'um grande gosto de composição.

Esta série tem sido muito apreciada dos leitores, e de muitos temos recebido cartas de felicitações, o que a todos agradecemos profundamente.

A ILLUSTRAÇÃO tem apenas por divisa — *cadê ve, melhor!* E como o público tem secundado os nossos esforços, não deixaremos, n'um instante de tortur a nossa revista cheia de atractivos, formar assim a mais completa coleção de livros ilustrados que existe em língua portuguesa.

SUCCESSOS THEATRALES DE PARIS

O SONHO, novo bailado da Grande-Opera.

É um novo bailado do sr. Edeardo Blau, musicado sr. Gatinel, que a Grande-Opera de Paris oferece aos seus frequentadores.

A ação passa-se no Japão, e o assumpto é o Amor, o eterno Amor, causando surpresas, diábratas, choros, risos, raps, tudo quanto em amor é capaz não é capaz, assim no Japão como em Portugal, assim nas ruas de Yokoama, com nas ruas de Lisboa.

Com amor, lindos costumes, lindas scenografias, lindas bailarinas à frente das quais vemos a celebre Rosita Mauri, e belha musica — imagine-se que bailado nos dás a Grande-Opera!

Uma ideia d'esta maravilha poderão fazer os leitores da ILLUSTRAÇÃO pelo desenho de Adrien Marie, onde se vê a Rosita Mauri dancando um passo do 2.º acto, que lhe vale sempre estrondosos aplausos.



O VIUVO

NA ante-vespera de partir para a Europa o dr. Claudio, sem prevêr o funebre espetáculo de que ia ser testemunha, foi despedir-se do seu velho camarada Tertuliano.

Ao aproximar-se da casa, ouvi berreiro de crianças, de mulheres e a voz de Tertuliano, que dominava de vez em quando o alarido geral, soltando, n'um tom estridente e angustioso esta palavra: « Xandoca ».

O dr. Claudio apressou o passo, e entrou muito afflito em casa do amigo.

Havia, efectivamente, motivo para toda aquella ruidosa manifestação de desespero. Tertuliano acabava de enivuar. Havia meia hora que D. Xandoca, vítima de uma febre puerperal, fechára os olhos para nunca mais abri-los.

O corpo, vestido de seda preta, as mãos cruzadas no peito, estava collocado no canapé, na sala de visitas. A cabeceira, sobre uma pequena meia coberta com uma toalha de rendas, duas velas de cera substituiam o bom e mau ladrão nos dois lados de um crucifixo.

Tertuliano abraçado ao cadáver soluçava convulsivamente, e todo o corpo tremia-lhe como tocado por uma pilha electrica. Os filhos, quatro crianças, a mais velha das quais teria oito annos, rodeavam-n'o aos gritos.

No salão havia um continuo fluxo e refluxo de gente que entrava e saía, pessoas de casa ou da vizinhança, chorando muito, e individuos que, passando na rua, ouviam gritar e entravam por curiosidade.

O dr. Claudio estava impressionadíssimo. Cahira de soperão no meio d'aquele espetáculo comovedor, e contemplava atónito o cadáver da pobre senhora que, havia quatro dias, encontrara na rua da Carioca muito alegre, levando um filho pela mão e outro no ventre, arrastando vaides a sua maternidade feliz.

Tertuliano, mal que o viu, precipitou-se-lhe nos braços, inundando-lhe de lágrimas a gola do casaco; o dr. Claudio estava atordoado, cego, com os vidros do pince-nez embaciados pelo pranto que tardou, mas veio, discreta, reservadamente, como um pranto de quem não é da milícia.

Isto foi uma surpresa... uma dolorosa surpresa para mim, conseguiu dizer com a voz embargada pela commoção. Parto amanhã às 5 horas para a Europa, no *Niger*... vinha despedir-me de ti... e d'elua... de D. Xandoca e... e vejo que... que... que...

E o dr. Claudio fez uma medonha careta para não soluçar.

— Dispõe de mim, meu velho, estou ás tuas ordens, bem sabes.

— Obrigado, disse Tertuliano, n'uma d'essas intermitentes que se notam nos maiores desbafos; o Rodrigo, aquelle meu primo empregado no fôro, já foi tratar do enterro, que é amanhã ás dez horas.

E Tertuliano, fazendo grandes esforços para reprimir a explosão das lágrimas, contou ao dr. Claudio todos os incidentes da rápida molestia e da morte de D. Xandoca.

— Uma coisa inexplicável! Nunca a pobre criatura viveu um parto tão feliz... a parteira não

esperou dez minutos... uma creança gorda, bonita... Está lá em cima, no sótão... has de vê-la. De repente uma pontinha de febre que foi aumentando, aumentando... até vir o derrelho... mandei chamar o medico... quando o medico... quando o medico chegou já ella agonisava... a... va...!

E Tertuliano, prorrompendo em soluços, abraçou-se de novo ao dr. Claudio.

No dia seguinte a cena foi dolorosíssima. Antes de fechar o caixão, Tertuliano quis que os filhos beijassem o cadáver, medonhamente inchado e decomposto. Ninguém reconheceria D. Xandoca, tão sympathica, tão graciosa, n'aquele montão intorme de carne putrida. Fecharam o caixão, mas Tertuliano agarrou-se a elle, e não o queria deixar sahir, gritando: — Não consinto! não consinto que a levem d'aquei! — Foi preciso arrancá-lo à força, e empurral-o para longe. Elle caiu e começou a rebolar no chão, soltando gritos nervosos. Tres senhoras cahiram também com espectaculosos ataques. As crianças berravam. Choravam todos.

De volta do enterro, o dr. Claudio, com quanto muito atarefado com a viagem, não quis deixar de fazer uma ultima visita a Tertuliano. Encontrou-o num estado lastimoso, sentado numa cadeira da sala de jantar, sem dar acordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no misero recém-nascido, que a um canto da casa mamava sofragamente n'uma preta gorda.

— Tertuliano, adeus. D'aqui a uma hora devo estar embarcado. Crê que, se podesse, addiava a viagem para fazer-te companhia; mas não posso. Adeus.

O viuvi lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

A's sete horas da noite, o dr. Claudio, sentado na coberta do *Niger*, contemplando as ondas, esplendidamente illuminadas pelo luar, pensava n'aquele olhar vago de Tertuliano, n'aquele *adeus* terrível, e pedia aos céos que o seu velho camarada não houvesse enlouquecido.

Mezes depois, a exposição de Paris atordoaava, mas de vez em quando, lá mesmo, na Galeria das Machinas, no Palacio das Artes, ou na Torre Eiffel, voltava-lhe ao espírito a lembrança d'aquella scena desoladora do viuvi rodeado pelos orphãozinhos, e repercutia-lhe dentro d'alma o som d'aquele *adeus* pungente e indefinível.

Interessava-se muito por Tertuliano; escreveu-lhe um dia, mas não obteve resposta. Pobre rapaz! viveria ainda? a sua ração teria resistido àquele embate supremo?

Depois de um anno e quatro mezes de ausência, o dr. Claudio voltou da Europa e a sua primeira visita foi a Tertuliano, que morava ainda na mesma casa.

Mandaram-n'lo entrar para a sala de jantar. Tertuliano estava sentado numa cadeira, sem dar acordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mais pequenito, que estava muito esperto, e brincava no colo da preta gorda.

— Tertuliano! murmurou o dr. Claudio.

O viuvi lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

Depois, dir-se-hia que se fizera subitamente a luz no seu espírito embrutecido. Elle ergueu-se

de um salto, gritou: — Claudio! — e arrouou os braços do amigo, exclamando entre lagrinhos:

— Ah! meu amigo! perdi minha mulher!...

— Sim, já sei, mas já tinhas tempo de estar mais consolado... Que diabo! só hoinem! já lhe se vão quatorze mezes!...

— Como quatorze mezes? Seis dias...

— Ora essa! pois não te lembras que eu acabei o enterro de D. Xandoca?

— Ah! tu faltas da Xandoca... mas há tres mezes casei-me com outra... filha do major Scabra, e ha seis dias estou viu...u...vo!

E Tertuliano, prorrompendo em soluços, abraçou-se de novo ao dr. Claudio.

ARTHUR AXEVADO.



O GRANDE MAESTRO

I Na Infancia.

JULIO nasceu para ser *alguem*.

Na viva expressão de seus olhos negros, na sua ampla fronte que a inspiração iluminava às vezes como um relâmpago iluminava a nuvem, na sua atitude distraída ou reflexiva, como que procurava o quer que fosse de real ou analisava o sentido das coisas que passam inadvertidas para o vulgo, qualquer poderia adivinhar que Julio era um sonhador, um artista.

Orphão e sem família, vivia desde creança em casa de seu tutor, Alvaro de Medina, rico proprietário, viuvi e pai de Gabriella, creança que tinha a mesma idade que Julio, ladina como um diabrete e formosa como um anjo.

Alvaro passava a vida entregue aos seus negócios; uma preceptoria cuidava das duas crianças, que se queriam como irmãos; tinham os mesmos mestres, os mesmos brinquedos, e se Julio acompanhava Gabriella nos passeios ao jardim, levando gravemente ao colo uma boneca, Gabriella trepava com Júlio às cerejeiras ou punha a barretina de papel e cingia o sobre de madeira, para commandar em batulha um exercito de soldados de chumbo.

Porém, de entre todos os brinquedos, Julio preferia um precioso violino com que ella o brindava em dia de annos. Oh! seguramente não o trocaria pelo sceptro d'um rei, nem pela espada d'um conquistador!

Como passavam as horas sem as sentir, apertando-o amorosamente ao peito e deslizando o arco sobre as cordas! Que imensa alegria, se lhe arrancava uma nota doce! Que desespero quando as cordas stringiam, como que zombando do musico inexperiente!

Quando ia deitar-se, deixava-o a cabeceira da cama, para que ao despertar o primeiro olhar fosse para elle. Nunca o avarento se preocupou mais com os seus tesouros. Dormindo, sonhava com o violino; acordado, não o perdia de vista.

Em quanto se entregava com todo o fogo da imaginação a esse primeiro amor das coisas que sentem as crianças, o tempo seguiu o curso natural e tudo ia mudando em volta d'elle sem dar por isso.

Afinal, chegou o dia.

Gabriella entrou no collegio e Julio no Instituto. Foi este o primeiro pesar: separar-se de Gabriella e do violino!

Só a ave captiva na gaiola pode comparar

as suas tristezas com a das crianças quando entram nos collegios. Os primeiros dias são amargos, mas por fim acostuma-se, — a ave canta e a creança ri. Ainda assim, com que anciade se esperam as férias.

Quando chegavam esses sonhados dias, Gabriella e Julio tornavam a casa, ella corria às suas bonecas, e elle, abraçado ao violino, tentava-se à sombra d'uma arvore no bosque dos loireiros e ali passava horas esquecidas, até que Gabriella, cansada de arrumar e desarrumar a sua casinhas ambulante, fosse pé ante pé buscar-o, ou escondendo-se entre os arbustos espalhados sobre elle uma repentina chuva de folhas e flores, que o obrigavam a levantar e ir agradecer com um beijo a sua turbulenta tentadora.

Assim, decorrendo o tempo, veio a época dos estudos graves.

Julio resolreu formar-se em direito, para desceder com o tutor, e foi para a Universidade. Estudou, em estranho consorcio, musica e leia, e em hora da verdade digamos que estas foram pouco amoravelmente tratadas. Mas, se ao concluir o curso era um mal doutor, em compensação era um excellente musico, que causava o orgulho dos professores.

O violino de feira, prenda de Gabriella, fora substituído por um magnífico Stradivarius, e aquelle jovem musico tinha já vencido todas as dificuldades da execução, prometendo ser uma estrela da maior grandeza no céu da arte.

Por isso, quando Julio tocava no bosquesinho de loireiros, Gabriella, que era já uma senhora, não o interrompia atrinando-lhe punhados de flores, mas adiantando-se pouco a pouco entre as arvores, escondia-se por entre as heras e, muito quieta, escutava com os olhos, os ouvidos, toda a alma. Algumas vezes sucedeu que os seus ouvidos julgaram ouvir, entre as notas, não sei que coisas que a perturbavam deliciosamente; que os seus olhos, sem saber por que, se mjavam de lagrimas, e a sua alma inteira vibrava como as cordas do violino sob a pressão do arco.

II

Em demanda do ideal

Julio trouxe da universidade alguns livros que nunca chegou a folhear, — a legislação agastava-o, — e muitas parisuturas que devorava com febril anciade.

Que procurava n'aquellas horas de estudo, comparando escolas, admirando segredos de composição, aspirando por todos os pores da alma os sublimes effluvios da arte?

Ouçamol-o nos seus frequentes monologos, quando descansava o violino nos joelhos e a cabeça lhe decatava nas mãos, olhos cerrados, peito palpante, entrando pela porta de círculo no paiz das sonhos criado expressamente para os artistas.

— Sim, sim... Ha o quer que seja que não comprehendo e é como a alma da musica... uma coisa que fusila nas alturas do Genio e me faz pensar na nuvem ardente que envolvia Jehovah no Sinai. Vencer as dificuldades da execução não é nada. Pôr o sentimento em cada nota, fazer vibrar nas cordas os aís da paixão, os gritos do entusiasmo, os queixumes surrissimos do amor... E' isso a arte! Que maestro pôde indicar-me o caminho do ideal? Não! não sou artista... nunca o sarei...

E, vencido, desalentado, deixava deslizar o violino ate aos pés.

A voz de Gabriella desperava-o d'este doloroso letargo.

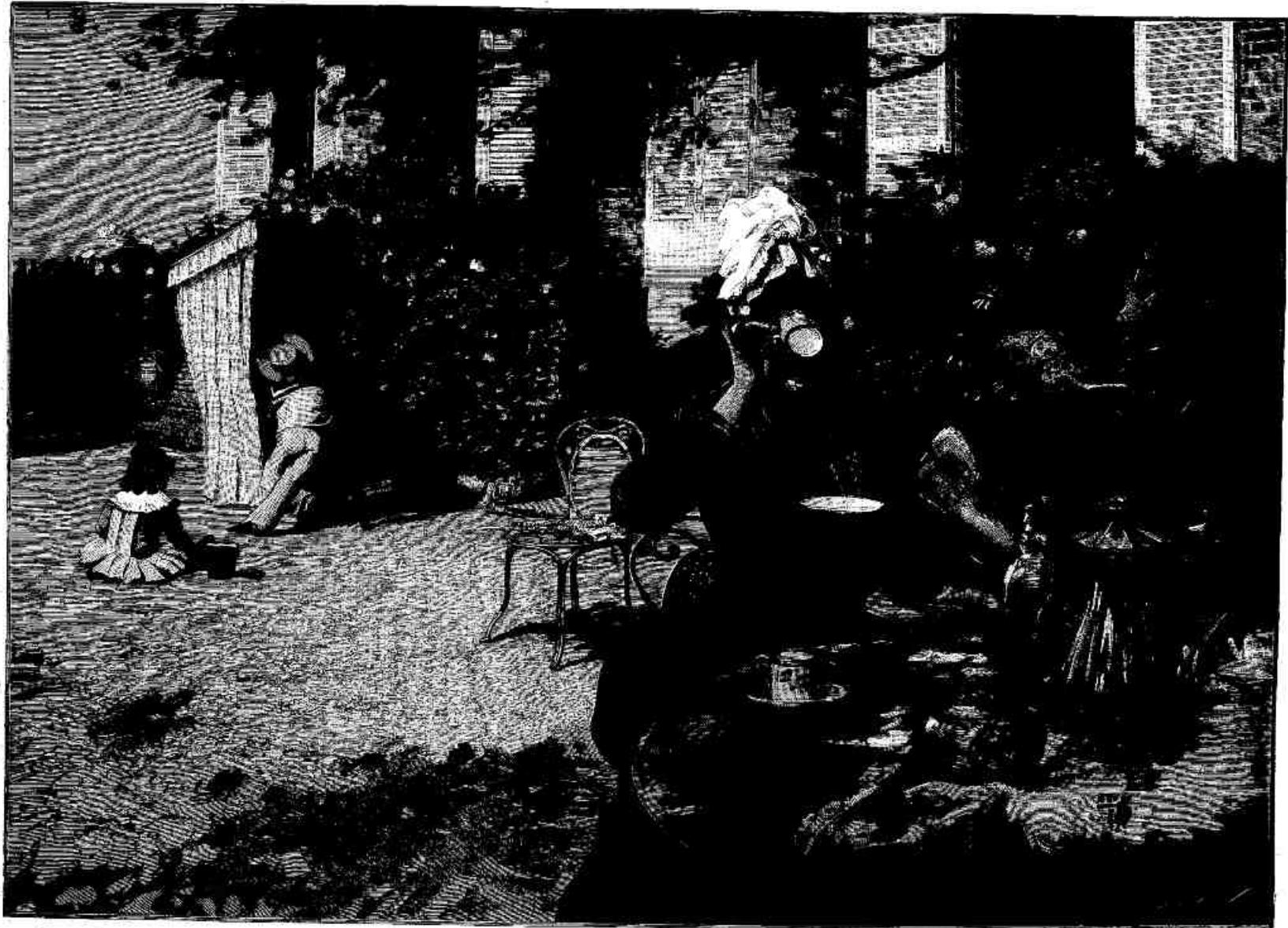
Então, o sorriso voltava aos labios, a frente desanuviava-se-lhe e o enamorado olvidava os pesares do artista.

Porque Julio e Gabriella amavam-se com o puríssimo amor dos anjos.

Aquellas almas, crescendo juntas, tinham-se confundido n'uma só, e ao chegar à sua primavera, o amor que dormia em seus corações des-



PARIS PITTORESCO. — Um Five o'clock no salão de honra do Casino de Marte.



O CAFÉ NO TERRAÇO. — QUADRO DE DUEZ. (*Salon do Campo de Marte, — Paris, 1893.*)

pergou subido em fervente onda de ternura até seus lábios, convertido em dardos sussurrantes, e a seus olhos em lagrimas muito mais doces.

O tutor aprovava esses amores e por conseguinte nada turvava a tranquilidade dos dois enamorados, que viam approximarse, sorrindo, o dia do seu noivado.

Uma leve nuvensinha ensombrava por breve tempo o céu da sua felicidade.

Gabriella esteve uns dias doente, e a cerimônia adiou-se.

Foi breve, porém. Restabeleceu-se dentro em pouco. Ficou um tanto opresso do peito, com ligante tosse e umas manchinhos rosadas, quasi imperceptíveis, nas faces; nada ou quasi nada.

Durante a sua enfermidade, Julio tocava ás vezes violino para distrair, mas os seus pregoes de execução não tinham tanto poder sobre a enferma, como uma palavra, um olhar do eleito da sua alma.

Um suspiro, um somiso bastava para que o aco se desvanesse das cordas e para que as melodias arcadas ao violino succedessem ás melodiás fulgidas dos dois amantes.

Chegou o anseado dia do noivado.

Gabriella e Julio entraram nesse paiz do amor, que se chama lúd de ma, paiz que para elas devia ser eterno porque nô havia em seus corações uma só prega em que podesse ocultar-se a serpente.

— Tanta ventura assusta-mo! dizia ás vezes Gabriella.

— Porque?

— Porque atingimos as alturas da felicidade e receio.

— Cai! Oh, nô... replicava Julio, rindo.

— Não rias... Assaltam-me ás vezes subitos medos, presentimentos de males desconhecidos.

— Creanças!

— Creá-me, Julio, a ventura não é completa no mundo. O risco de a perder é uma gota de fel, que amarga.

— Nunca imaginei que tivesses queda para romantica.

— Nem o sou... E' que te quer tanto!

— Efecto, dissipou esses sonhos patéticos que te impedem de gozar tranquilamente o nosso amor. Faz como eu. Meus sonhos de glória, meus ideais de artistas olvidaram-se e escureceram perante a tua afecção. Que me importa a glória? Ha outra, além de ver teus olhos? Que me importa a arte? Ha rythmo mais doce que a tua voz, quando me diz: «Amar-te!» Não sejas creança; esquece essas vistes. Sejamos felizes!

— Que fizemos para o ser?

— Amar-nos, amar-nos muito. Parece-te pouco?

E Julio fechava os lábios de Gabriella com um beijo.

Aquele violino, aquelle magnifico Stradivarius que por tantos annos estreitara ao peito, pretendendo debalde infiltrar e arrancar-lhe das cordas a voz que sentia irromper diante as suas nervosas palpitações, jazia pendente de escapulio dobrado no seu quanto nupcial e coberto de ligadura camada de pé.

Uma vez, poucos dias depois de casado, fitou por acaso o instrumento, seu amigo inseparável de outros tempos.

— Pobre violino! exclamou com um sorriso. Pensava que me auxiliarias a conquistar os louros do artista... e subimos ambos a grande montanha do Ideal... Pateta! julgava-me longe, e o ideal esteve a meu lado, rindo-se dos meus loucos desvarios... Sim, Gabriella! o ideal é a ventura, a felicidade que nasce do amor!

E o pobre violino de novo ficou olvidado.

III

O grande maestro

Um anno apenas tinha decorrido, e os estranhos presentimentos de Gabriella iam tomando corpo e aseacando breve e terrível realisaçao.

Assim como nas trovoadas do outono se vê

áis vezes uma nuvensinha apenas imperceptivel, branca e leve a principio, crescendo logo com rapidez espantosa e atacando-se nas azas da fúria, que convulsiva o espírito, inunda a terra de torrentes golpilhados pelo peso do seio; assim a pequena nuvem que ameaçava os dois esposos fez primeiro a oppressão do peito, a tosse ligante, a roscia das faces, e logo avançando rapidamente obscureceu o céu tranquillo d'aquele rosto, com as negras nuvens do luto e da desolaçao; Gabriella estava condenada pela sentença d'uma enfermidade mortal: a phthisis.

Invençao languidez quebrantou aquelle formoso rosto. Aquelles olhos bellissimos olhavam Julio com expressão tão desesperada, meiga e triste, que elle fazia esforços sobre-humanos para conter as lagrimas.

Approximava-se o outono. A enfermidade fazia terríveis progressos.

Gabriella entrou no tristissimo periodo das illusões.

Sentada em larga poltrona, envolta em rica bata de rendas, os pés mergulhados na pele de urso e a cabeça ligeiramente inclinada, Gabriella mais pallida mas mais formosa que nunca, estreitava entre as suas as ardentes mãos de Julio e o paiz.

— Tragam-me todas as flores do jardim... Abram as gaioias para essas pobres aves chegarem ate mim... Como estú formosa a tarde! O outono!... Que suaves muizes, quejoros de luz e de cõr... As folhas das parreiras avermelham antes de cair, as rambagens dos alamos tornam-se cõr-de-ocro... Oh! quanto desejo que chegue o inverno!... Iremos conter no parque, sobre a neve... os tres, porque tu, papá, acompanhámos nos, sim?... E quando vier a primavera... oh! entao tremosa Itália... Julio prometeu levar-me á Itália...

Declinava a tarde.

Gabriella perdia as forças.

O paiz e Julio choraram silenciosamente, para não perturbar o tempo em que jazia a enferma.

Para que carregar o quadro de mais tintas?

Gabriella expirou. Sua alma voou para o céu como uma nota desfrida pela harpa. Entre os braços do paiz e do esposo, ficou só um corpo inerte, bello ainda, poesido pela morte piedosa.

Anosceu. Noite tibio e perfumada como as que se gozam nos formosos céus dos países mediterrâneos.

A luz brilhava com esplendido brilho entre as arvores do jardim, e um largo raio entrando pela janela aberta, arrancava chispas e brilhantes reflexos nos moveis dobrados, e envolvia como n'uma aureola a infeliz Gabriella e Julio, que chorava a sens pé.

Alvaro recolheu-se ao quarto, quebrantado pela magua e pela edade.

As flores espadinhadas em volta do leito fúnebre e á opaca luz da lampada japonesa pareciam velar aquelles desposorios da morte.

Que se passava no coração de Julio?

Não ha pena que possa descrever a desolação, a amargura, que a alma sente, perdendo um ser querido.

E quando, como Julio e Gabriella, se viveu si uma vida, se sentiu como time só alma, então é ainda mais trágico, porque lembra á memoria uns das creaçoes do grande poeta inglez: — o Rei Lear, fugindo pelas florestas, em noite de tormenta, levando a filha morta nos braços.

Que sentiria aquella pobre alma, que gritos de angustia estalaram aquelle esfachado peito, não é possível imaginar.

De repente, ergueu os olhos aos céus com expressão de intime supplicio, e, sem saber como, o olhar caiu-lhe sobre o violino, pendente da parede e coberto de pé.

Levantou-se como automato després-damorta.

Avançou lentamente, tirou o instrumento, limpou as poeirinhos cordas e apoiando-o ao coração, collocou-se em frente do cadaver...

Caio o arco, soltando um ui! rouco e geamente, deslissou logo um queixume mais sentido e a alma inteira de Julio vibrou na caixa e nos cordas do violino.

Palido, olhos fixos na esposa adorada que parecia sombrilhe aiada além da morte, Julio, arrabado nas azas vergonhosas da inspiração, improvisava um canto funebre, azulento e terno ás vezes, convulso e meigo outras, que teria feito estremecer de inveja e de entusiasmo os mais celebres compositores.

Era como no mar, — immenso ondulugio de sentimento que, explosivo do seu coração dolorosissimo, subia e espalhava-se no ambiente em notó tristissimas orvalhadas de lagrimas.

Julio chegava impensadamente ao cume da arte, a essa alcuna phantastica que só atingem as azas do Genio, e em que não se toca som se ter o peito lancinado pela magua, os pés mortidios pela calunia e a fronte gottejando sangue sob a coroa de espinhos.

Emfim, tinha encontrado no caminho da existencia o grande maestro... A dóri!

A. Cuconeir.

A PASTA DENTÍFRICA DE BOTOT

Venha em força as mudanças casas

E em 10.º REGISTRO GERAL DE LIXO

UNICA VERDADEIRA ÁGUA DE BOTOT

PA RIS — 17, Rua de la Paix, 17 — PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

Tratamento preservativo da vinha.

Treze doces cryptogrammas maltratam seriamente os vinhedos franceses: omidão, oblique-rot e a aspergimento. M. de Dubor pensa que o melhor remedio que as podera combater vantajosamente consiste numha espécie de bouillie bordelaise composta do 3 kilogrammas de sulfato de ferro, 3 kilogrammas de sulfato de cobre, 4 kilogrammas de bôs cal pulverizada e 1.000 litros de agua. Espalhe-se como a bouillie ordinaire por meio de pulverizadores.

E pressio tratar bon cédo estas doenças; devem se começar as pulverizações proximamente de 15 ou 20 de maio, se se quizer operar com utilidade. Dois outros tratamentos são necessários, nos fins de junho e fins de julho. Se a doença de black-rot estraga com intensidade, se a temperatura é no mesmo tempo quente e humida, approximam-se as despesas de tratamento: faz-se o segundo proximo do dia 15 de junho, e terceiro proximo do 10 de julho, acrescenta-se um quanto no começo do mes de agosto.

Os gafanhotos na Argélia

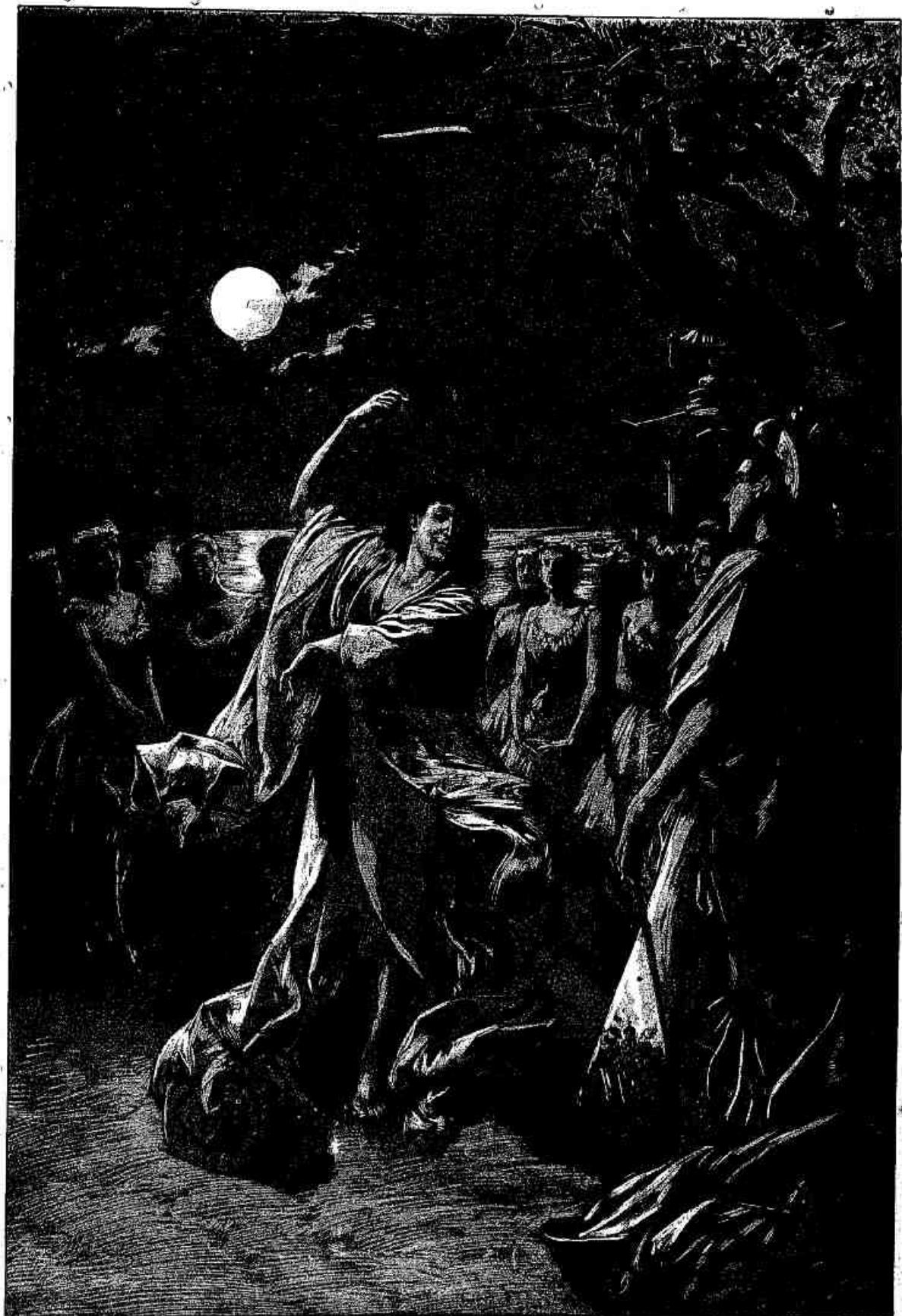
O sul do departamento d'Argélia e o sul do de Oran estão ameaçados d'uma grande invasão de gafanhotos. E' nas solidões de Sersen que os gafanhotos possuem os seus ovos. Ainda que bastante imprevista, esta invasão é combatida com energia. Actualmente os opparelhos cypriotes são installados na vila de Feniec-el-Haïd sobre uma distancia de 75 kilometros, e sobre uma distancia de 50 kilometros na vila de Boghani; 5.000 homens são empregados na destruição dos gafanhotos a Teniet-el-Aïad e 3.000 em Boghani. Faz-se uma ideia da quantidade de gafanhotos quando se souber que covas de 35 metros de comprido sobre 2 de largura e 1 mto de profundidade foram cheias em menos d'uma hora. Apesar da inexisté edo numero dos trabalhadores, teme-se que não sejam capazes de tudo destruir.

As kilometros de Tiaret são ameaçadas as colheitas. O ponto mais exposto é Aïssa-Oualid, sobre a onda do departamento de Argélia, 18 kilómetros ce Tiaret. Muitas colheitas foram destruidas n'este ponto.



OS MEZES ILLUSTRADOS. — JULHO,

Composição de Habert-Dye.



SUCCESSOS THEATRAES DE PARIS. — **O SONHO**, bailado de Eduardo Blau, musica de Gastinel, representado na Grande-Opera,



A agua nas habitações.

Numa cidade da Escócia percebendo ha pouco tempo os habitantes que o consumo de agua nas ruas e casas padecia turvações notáveis, investigaram a causa das perturbações, e esta não tardou a ser descoberta sobre a forma de perio de trinta enigmas femeas que tinham feito ninhos nos caixos. Todas estavam cheias d'ovos e uma d'ellas devia, segundo os cálculos, conter mais de 10 milhão...

A navegação da India Inglesa.

O movimento de navegação da India Inglesa com todos os países estrangeiros durante o exercício fiscal de 1888-1889, findando no dia 31 de março, elevou-se, segundo o relatório oficial de M. J. E. O'Conor, secretário do governo da India, a 101.485 embarcações, medindo 6.832.332 toneladas. Eis aqui para servir de comparação, as cifras referentes ao último período quinquenal para todos os destinos:

Exercícios	Número de navios.	Toneladas.
1884-1885.....	10.338	6.449.770
1885-1886.....	10.562	7.494.580
1886-1887.....	10.584	7.112.110
1887-1888.....	10.893	7.180.455
1888-1889.....	10.484	6.983.332

Se se analisa, nos mesmos annos, só a parte da navegação a vapor, obtem-se os resultados seguintes:

Exercícios	Stevens que atingem ou ultrapassam 1000 ton. c/rgm. ou com mais.
1884-1885.....	2.084
1885-1886.....	3.203
1886-1887.....	3.222
1887-1888.....	3.190
1888-1889.....	3.240

Vê-se, por estes dois quadros, que a substituição do vapor à vela foi mais rápida em proporção que o aumento do movimento marítimo. Com efeito, de 1884-1885 a 1888-1889, o direito de toneladas no vapor aumentou-se de 736.181 toneladas, enquanto que o total da navegação não adiantou senão 333.562 toneladas.

Infectuosidade das carnes fumadas de animais tuberculosos.

Um recente trabalho de M. Forster demonstra que a carne proveniente de animais tuberculosos e fumada à moda ordinária é ainda suscetível de transmitir a tuberculose aos animais, pelo método de inoculação su-cutânea. Esta conclusão é mais grave que a que defendem as carnes salgadas, igualmente perigosas, porque não se comem geralmente senão depois de cozidas, enquanto que as carnes fumadas comem-se tal qual estão.

Os tiros de artilharia

Falla-se geralmente em tiros de artilharia, em peças de grande calibre, etc.; comitudo a maior parte da gente ignora quanto custa ou pôde custar um tiro feito com qualquer d'esses canhões ou obuses cujas qualidades maravilhosas se elogiam em toda a parte.

Sabem, por exemplo, quanto custa um tiro d'uma peça de artilharia de marinha de 110 toneladas? A conta redonda é de 4.160 francos (665.600 reis), o que, a 4 por cento, corresponde ao rendimento anual d'um capital de 104.000 francos (16.640.000 reis).

Esta somma descompõe-se assim:

Pólvora 450 kil.	11.950	fr.
Projétil.....	21.75	"
Envolucro do cartucho.....	65	"

4.160 fr.

Mas não fica aqui. A peça de 110 toneladas não suporta, no que parece, mais de 95 tiros, quer dizer, depois d'esse numero de tiros torna-se incapaz e necessita concertos. ora, sendo o preço d'esse canhão 41.200 fr., o custo dos estragos a cada tiro equivale a 43.40 fr., o que somando com o preço da carga, eleva este a 8.500 francos (1.360.000 reis).

Assim, quando se dá um tiro de peça de 110 toneladas, vai pelo ar o rendimento d'um capital de 21.500 francos (34 contos)!

Comparando canhões de calibre inferior, vê-se, segundo os mais rigorosos cálculos matemáticos, que cada tiro d'uma peça de 67 toneladas (cujo preço é de 12.000 francos e que se gasta no fim de 127 tiros) custa 4.000 francos (736.000 reis); da mesma sorte o canhão de 45 toneladas, no preço de 15.700 francos e inutilizado no fim de 150 tiros, occasionará uma despesa de 24.50 francos (reis 392.000) por cada tiro.

Novo vidro vermelho

Uma espécie de vidro vermelho acaba de aparecer na Alemanha, e merece que se faça d'elle menção. Serve já nas manufaturas d'este país para fabricar garrafas, copos e vasos de formas diversas; pode ser aplicado aos usos da fotografia e nos laboratórios dos químicos e dos ópticos.

Este vidro é fundido n'um caldeirão descoberto, exposto ao ar livre; e é produzido, segundo a *Revue de l'Industrie Industriel*, e, pela mistura das substâncias seguintes:

Areia finamente pulverizada.....	2.000	partes
Oxido vermelho de chumbo, mísimo.....	400	—
Carbonato de potássio.....	600	—
Cálcio.....	100	—
Phosphato de cálcio.....	20	—
Crème de tartre.....	20	—
Horato de soda.....	30	—
Oxido vermelho de cobre, protoxydo.....	5	—
Bixoxido d'escântio.....	12	—

Por meio d'esta mistura, obtém-se um vidro vermelho transparente, d'excelente qualidade, que pode servir directamente à confecção dos objetos mais variados, a menos que não seja necessário submetê-lo a uma segunda fusão para obter uma cér mais intensa.

Um remedio contra a coqueluche

M. W. Gemmill anuncia, no *British medical Journal*, que administrou com sucesso o *Quatinine* contra a coqueluche. A acção d'este medicamento será favorável a todos os períodos da doença, fazendo-a mover no primeiro período, diminuindo o numero e moderando a violência da tosse no segundo, apressando notavelmente a convalescência no terceiro. Não é preciso, segundo M. Gemmill, aumentar a dose d'um meio miligrammo por dia, dado em oito vezes, ou todas as trez horas. Este medicamento podia ser associado ao brometo de potassio e ao chloral.

O contagio da diabetes.

Es aqui uma doença que procuram fazer entrar no quadro das doenças infecções. Sem afirmar categoricamente esta natureza, M. Schmitz, de Berlim, dá algumas observações tiradas d'uma longa estatística e parecendo adovgar em seu favor. 26 casos sobre 4.320 casos de diabetes, a doença parece ter sido d'uma origem marital.

M. Schmitz apresenta mesmo um caso onde uma mulher, casada com um diabético se tornou também diabética. E tornou a casar-se com um indivíduo que não tardou também a ser diabético. Geralmente os casos de diabetes são observados e apresentados pelo auctor estando em evolução rápida, maligna ou não. Sabemos tão pouco sobre a etiologia da diabetes que a hipótese d'uma origem microbica é muito accetável em principio. Serão fecundas as investigações dirigidas n'esse sentido?

SUSPENSORIOS MILLERET, clássicos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris

Escavações no Egypcio

No Egypcio sex-se recentemente uma descoberta importante. Escavações feitas sob a direcção d'um arqueólogo grego, no sitio onde fura edificada a cidade de Mendes, porviram a descoberto uma construção que servia de biblioteca e composta de quatorze casas, todas cheias de papyrus. Infelizmente, a maior parte d'essos documentos fizeram-se em pé no tocar-se-lhe; no entanto alguns d'elles ainda podiam ser lidos.

O mesmo arqueólogo julga ter encontrado o sitio onde se erguia a cidade d'Aváris ou d'Havar (cidade da Fuga). Mipsis procurava en vão, perto de Pelusium (Damieta), os vestígios d'esta cidade que tivera grande importância nos tempos das guerras entre o Egypcio e Syria.

O Clero português

No ultimo discurso, pronunciado na cámara dos padres, pelo sr. bispo da Guarda, encontramos o seguinte curioso trecho:

Peço licença para contar à cámara o seguinte facto. Na minha diocese um sacerdote respeitável pelas seus longos serviços prestados à instrução secundária e superior, à Egreja e ao Estado; foi o ultimo governador do bispoado de Pinhel. O meu ilustre colega o sr. bispo do Algarve conhece-o, tem mais de noventa annos, agora está cego, e foi indispensável substituí-lo no serviço, e a sua Egreja rende-lhe tanto 100.000 reis.

A minhas instâncias, conseguiu o subsidio de 60.000 reis anuais. Ao ter notícia disto escrevi-me, dizendo: Veja a triste condição d'ele. A um porco nas mesmas condições d'ele um subsidio de 50.000 reis anuais, e a um actor da mesma data aposentação com 73.000 reis mensais! Respondi: d'gracias a Deus e resigne-se, visto já não poder seguir a profissão de actor. (Muitos apoiados).

Material dos caminhos de ferro

A companhia real dos caminhos de ferro portugues possuía em 31 de dezembro, nas linhas portuguesas, 115 máquinas, mais 44 do que em 1888; 3 carruagens reais; 6 carruagens com coupés-leitos; 3 toilettes-camas; 10 salões; 60 carruagens d'1.ª classe; 25 d'1.º e 2.º e 3.º classes; 10 d'1.º, 2.º e 3.º; 5 d'1.º e 2.º com corredor central; 96 d'2.º; 5 de dois andares; 176 d'3.º classe; 100 fourgons; 37 cavaliárias; 20 frigoríficos; 426 wagens fechados; 34 wagens para gado mundo; 631 plataformas; 16 wagens para mineral; 218 de bordas altas; 300 para balastrado; 7 de socorro e serviço; 31 internas, ao todo 2.174 veículos, mais 507 do que em 1888. Na linha de Gareces tinha 44 máquinas e 840 carruagens, fourgons e wagens.

SOBRE A PRAIA

A pennugem dos braços e das pernas que escrêce a pele mais branca, desaparece n'um instante com a *Pelivora* d'uma eficácia corta e cujo emprego não apresenta nenhum inconveniente. Recomendamos este preparado às nossas leitoras.

A expedição é feita franco em todo o Portugal pelo inventor M. Dusser, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, Paris, contra um vale do correio de 21 francos 75 centimos.

THEATROS DE PARIS

ESPECTACULOS DE MAIOR SUCESSO

Grand-Opera. — *Fausto*. — *Zaire*.
Frances. — *Une Famille*. — *La Fille de Roland*.
Ópera-Comique. — *Dante*. — *La Basoche*. — *Mirtille*.
Renaissance. — *Le Lycée de jeunes filles*.
Porte-Saint-Martin. — *La Jeunesse de Louis XIV*.
Variétés. — *Tout feu, tout flamme*.
Châtelot. — *Les Pilules du Diable*.
Palais-Royal. — *Provinciales à Paris*.
Folies-Dramatiques. — *La Fille de Zéphyr*.
Beffes-Parisiens. — *Colombe pour deux*. — *L'Enfant prodigue*.
Cluny. — *Les locataires de Blondeau*.
Menus-Plaisirs. — *La Mascotte*.
L'Hippodrome. — *Grande l'astomina*. — *Jeanne d'Arc*.
L'Hippodrome. O mais extraordinário espectáculo d'estação parisiense.

OS EPILATORIOS DUSSER

DUSSER, Inventor, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, em frente do Louvre
PASTA EPILATORIA para o rosto. --- PELIVORA para os braços



A PASTA EPILATORIA DUSSER

Desenvolvidamente na Perfumaria Desagravante (Braga, Biarritz, etc.), dos restos das Sementes, sem nenhum inconveniente para a pele mais delicada. **MANHÃ DE EXITO**. **Perfumaria Recomendada** a Magistrados, Príncipes de Fornecedores de muitas Festas e reuniões, Milhares de adeptos, e a aprovação do eminente Misticólogo do Congresso Medico, garantem a eficácia e simplicidade do seu emprego. Vendendo em caixas para o rosto, e metas Grossas para um pequeno bolso. **O PELIVORA** é sua pasta os braços, nos quais conselhos deslumbrante d'abunda.

DUSSER, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Em Lisboa: **GOUDROY, BERNARD, Farmacia ESTADO** e **o**, e nos principais Farmácias de Lisboa e do Brasil.

Mudança de Domicílio

PERFUMARIA-ORIZA L. LEGRAND, de PARIS

41, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honoré) PARIS

PRODUCTOS RECOMMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO	ORIZALINA, untura instantânea.
CRÈME-ORIZA	ESSE-ORIZA, de teles e perfumes.
ORIZA-LACTEO	ORIZA-HAY, agua de toalete.
ORIZA-OLEO	ORIZA-POWDERS
ORIZA-TONICA	ORIZA-VELOUTE.



Última Novidade

Produtos especiais da **VIOLETTA** do Czar

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, debruado da forma de Lípis e Pastilhas de 12 Chaves.
A variação em todos os cabellisteros e casas de Perfumarias.

CAUTELA: COM AS CONTRAFACÇÕES

Casa de Vertus Sáuis

Espartilhos

PARIS 12, Rue Auber, 12 PARIS



Esta casa, a primeira de Paris pelo seu bom gosto e elegância recomenda-se pela forma especial dos seus espartilhos aperfeiçoados para a moda actual.

Basta enviar as medidas exactas para receber d'esta casa um espartilho em perfeita harmonia com as formas da pessoa a quem é destinado.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOMILL — **3 BISMUTHO** — **4** — **5** — **6** — **7** — **8** — **9** — **10** — **11** — **12** — **13** — **14** — **15** — **16** — **17** — **18** — **19** — **20** — **21** — **22** — **23** — **24** — **25** — **26** — **27** — **28** — **29** — **30** — **31** — **32** — **33** — **34** — **35** — **36** — **37** — **38** — **39** — **40** — **41** — **42** — **43** — **44** — **45** — **46** — **47** — **48** — **49** — **50** — **51** — **52** — **53** — **54** — **55** — **56** — **57** — **58** — **59** — **60** — **61** — **62** — **63** — **64** — **65** — **66** — **67** — **68** — **69** — **70** — **71** — **72** — **73** — **74** — **75** — **76** — **77** — **78** — **79** — **80** — **81** — **82** — **83** — **84** — **85** — **86** — **87** — **88** — **89** — **90** — **91** — **92** — **93** — **94** — **95** — **96** — **97** — **98** — **99** — **100** — **101** — **102** — **103** — **104** — **105** — **106** — **107** — **108** — **109** — **110** — **111** — **112** — **113** — **114** — **115** — **116** — **117** — **118** — **119** — **120** — **121** — **122** — **123** — **124** — **125** — **126** — **127** — **128** — **129** — **130** — **131** — **132** — **133** — **134** — **135** — **136** — **137** — **138** — **139** — **140** — **141** — **142** — **143** — **144** — **145** — **146** — **147** — **148** — **149** — **150** — **151** — **152** — **153** — **154** — **155** — **156** — **157** — **158** — **159** — **160** — **161** — **162** — **163** — **164** — **165** — **166** — **167** — **168** — **169** — **170** — **171** — **172** — **173** — **174** — **175** — **176** — **177** — **178** — **179** — **180** — **181** — **182** — **183** — **184** — **185** — **186** — **187** — **188** — **189** — **190** — **191** — **192** — **193** — **194** — **195** — **196** — **197** — **198** — **199** — **200** — **201** — **202** — **203** — **204** — **205** — **206** — **207** — **208** — **209** — **210** — **211** — **212** — **213** — **214** — **215** — **216** — **217** — **218** — **219** — **220** — **221** — **222** — **223** — **224** — **225** — **226** — **227** — **228** — **229** — **230** — **231** — **232** — **233** — **234** — **235** — **236** — **237** — **238** — **239** — **240** — **241** — **242** — **243** — **244** — **245** — **246** — **247** — **248** — **249** — **250** — **251** — **252** — **253** — **254** — **255** — **256** — **257** — **258** — **259** — **260** — **261** — **262** — **263** — **264** — **265** — **266** — **267** — **268** — **269** — **270** — **271** — **272** — **273** — **274** — **275** — **276** — **277** — **278** — **279** — **280** — **281** — **282** — **283** — **284** — **285** — **286** — **287** — **288** — **289** — **290** — **291** — **292** — **293** — **294** — **295** — **296** — **297** — **298** — **299** — **300** — **301** — **302** — **303** — **304** — **305** — **306** — **307** — **308** — **309** — **310** — **311** — **312** — **313** — **314** — **315** — **316** — **317** — **318** — **319** — **320** — **321** — **322** — **323** — **324** — **325** — **326** — **327** — **328** — **329** — **330** — **331** — **332** — **333** — **334** — **335** — **336** — **337** — **338** — **339** — **340** — **341** — **342** — **343** — **344** — **345** — **346** — **347** — **348** — **349** — **350** — **351** — **352** — **353** — **354** — **355** — **356** — **357** — **358** — **359** — **360** — **361** — **362** — **363** — **364** — **365** — **366** — **367** — **368** — **369** — **370** — **371** — **372** — **373** — **374** — **375** — **376** — **377** — **378** — **379** — **380** — **381** — **382** — **383** — **384** — **385** — **386** — **387** — **388** — **389** — **390** — **391** — **392** — **393** — **394** — **395** — **396** — **397** — **398** — **399** — **400** — **401** — **402** — **403** — **404** — **405** — **406** — **407** — **408** — **409** — **410** — **411** — **412** — **413** — **414** — **415** — **416** — **417** — **418** — **419** — **420** — **421** — **422** — **423** — **424** — **425** — **426** — **427** — **428** — **429** — **430** — **431** — **432** — **433** — **434** — **435** — **436** — **437** — **438** — **439** — **440** — **441** — **442** — **443** — **444** — **445** — **446** — **447** — **448** — **449** — **450** — **451** — **452** — **453** — **454** — **455** — **456** — **457** — **458** — **459** — **460** — **461** — **462** — **463** — **464** — **465** — **466** — **467** — **468** — **469** — **470** — **471** — **472** — **473** — **474** — **475** — **476** — **477** — **478** — **479** — **480** — **481** — **482** — **483** — **484** — **485** — **486** — **487** — **488** — **489** — **490** — **491** — **492** — **493** — **494** — **495** — **496** — **497** — **498** — **499** — **500** — **501** — **502** — **503** — **504** — **505** — **506** — **507** — **508** — **509** — **510** — **511** — **512** — **513** — **514** — **515** — **516** — **517** — **518** — **519** — **520** — **521** — **522** — **523** — **524** — **525** — **526** — **527** — **528** — **529** — **530** — **531** — **532** — **533** — **534** — **535** — **536** — **537** — **538** — **539** — **540** — **541** — **542** — **543** — **544** — **545** — **546** — **547** — **548** — **549** — **550** — **551** — **552** — **553** — **554** — **555** — **556** — **557** — **558** — **559** — **560** — **561** — **562** — **563** — **564** — **565** — **566** — **567** — **568** — **569** — **570** — **571** — **572** — **573** — **574** — **575** — **576** — **577** — **578** — **579** — **580** — **581** — **582** — **583** — **584** — **585** — **586** — **587** — **588** — **589** — **590** — **591** — **592** — **593** — **594** — **595** — **596** — **597** — **598** — **599** — **600** — **601** — **602** — **603** — **604** — **605** — **606** — **607** — **608** — **609** — **610** — **611** — **612** — **613** — **614** — **615** — **616** — **617** — **618** — **619** — **620** — **621** — **622** — **623** — **624** — **625** — **626** — **627** — **628** — **629** — **630** — **631** — **632** — **633** — **634** — **635** — **636** — **637** — **638** — **639** — **640** — **641** — **642** — **643** — **644** — **645** — **646** — **647** — **648** — **649** — **650** — **651** — **652** — **653** — **654** — **655** — **656** — **657** — **658** — **659** — **660** — **661** — **662** — **663** — **664** — **665** — **666** — **667** — **668** — **669** — **670** — **671** — **672** — **673** — **674** — **675** — **676** — **677** — **678** — **679** — **680** — **681** — **682** — **683** — **684** — **685** — **686** — **687** — **688** — **689** — **690** — **691** — **692** — **693** — **694** — **695** — **696** — **697** — **698** — **699** — **700** — **701** — **702** — **703** — **704** — **705** — **706** — **707** — **708** — **709** — **710** — **711** — **712** — **713** — **714** — **715** — **716** — **717** — **718** — **719** — **720** — **721** — **722** — **723** — **724** — **725** — **726** — **727** — **728** — **729** — **730** — **731** — **732** — **733** — **734** — **735** — **736** — **737** — **738** — **739** — **740** — **741** — **742** — **743** — **744** — **745** — **746** — **747** — **748** — **749** — **750** — **751** — **752** — **753** — **754** — **755** — **756** — **757** — **758** — **759** — **760** — **761** — **762** — **763** — **764** — **765** — **766** — **767** — **768** — **769** — **770** — **771** — **772** — **773** — **774** — **775** — **776** — **777** — **778** — **779** — **780** — **781** — **782** — **783** — **784** — **785** — **786** — **787** — **788** — **789** — **790** — **791** — **792** — **793** — **794** — **795** — **796** — **797** — **798** — **799** — **800** — **801** — **802** — **803** — **804** — **805** — **806** — **807** — **808** — **809** — **810** — **811** — **812** — **813** — **814** — **815** — **816** — **817** — **818** — **819** — **820** — **821** — **822** — **823** — **824** — **825** — **826** — **827** — **828** — **829** — **830** — **831** — **832** — **833** — **834** — **835** — **836** — **837** — **838** — **839** — **840** — **841** — **842** — **843** — **844** — **845** — **846** — **847** — **848** — **849** — **850** — **851** — **852** — **853** — **854** — **855** — **856** — **857** — **858** — **859** — **860** — **861** — **862** — **863** — **864** — **865** — **866** — **867** — **868** — **869** — **870** — **871** — **872** — **873** — **874** — **875** — **876** — **877** — **878** — **879** — **880** — **881** — **882** — **883** — **884** — **885** — **886** — **887** — **888** — **889** — **890** — **891** — **892** — **893** — **894** — **895** — **896** — **897** — **898** — **899** — **900** — **901** — **902** — **903** — **904** — **905** — **906** — **907** — **908** — **909** — **910** — **911** — **912** — **913** — **914** — **915** — **916** — **917** — **918** — **919** — **920** — **921** — **922** — **923** — **924** — **925** — **926** — **927** — **928** — **929** — **930** — **931** — **932** — **933** — **934** — **935** — **936** — **937** — **938** — **939** — **940** — **941** — **942** — **943** — **944** — **945** — **946** — **947** — **948** — **949** — **950** — **951** — **952** — **953** — **954** — **955** — **956** — **957** — **958** — **959** — **960** — **961** — **962** — **963** — **964** — **965** — **966** — **967** — **968** — **969** — **970** — **971** — **972** — **973** — **974** — **975** — **976** — **977** — **978** — **979** — **980** — **981** — **982** — **983** — **984** — **985** — **986** — **987** — **988** — **989** — **990** — **991** — **992** — **993** — **994** — **995** — **996** — **997** — **998** — **999** — **1000**

Le Gérant: P. Mouillot.

PARIS. — IMPRENSA DE P. MOUILLOT, 13, QU